

JOSÉ DE MESQUITA
(Do Instituto Histórico de Mato Grosso)

Dom Carlos Luiz de Amour
e
Antonio Modesto de Mello

(Discurso proferido em 31 de Dezembro de 1921 na sessão anual de encerramento dos trabalhos do Instituto Histórico de Mato Grosso pelo orador José Barnabé de Mesquita.)

Cuiabá
Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso
1921

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/byjmesquita.htm>

Exmo. e Rvmo. Snr. Presidente do Estado e do Instituto

Illustrados confrades

Minhas Senhoras — Senhores:

Introdução

Dando cumprimento ao dispositivo contido no artigo 25, parte final, dos nossos Estatutos, venho, na qualidade de orador do Instituto Histórico de Matto-Grosso, dizer o elogio histórico dos nossos consócios fallecidos no anno social que hoje se encerra, procurando indicar, como recomendam os mesmos Estatutos, “os seus serviços mais transcendentales na vida publica e em favor da sociedade”.

O Instituto tem a deplorar este anno a perda de dois sócios de incontestável merecimento: a Arcebispo Dom Carlos Luiz de Amour, fallecido em 9 de Julho e Antonio Modesto de Mello, cujo passamento se deu a 10 de Novembro transacto.

Começarei pelo primeiro fallecido, membro deste Instituto, do qual foi aclamado Presidente honorário na seção de fundação, realizada a 1º de Janeiro de 1919.

Do berço ao Episcopado

A cidade de São Luiz do Maranhão que com justa ufania se orgulha do titulo de Athenas brasileira, foi berço de Dom Carlos, nascido a 11 de Junho de 1837.

Filho de pais obscuros, tendo ficado orphão em terna idade, assistiu-lhe a infância o desvelo de uma bondosa tia materna, em cujo carinho lhe deparou a Providencia uma segunda mãe a substituir áquella que a sorte lhe roubára.

Menos, entretanto, que aos auxílios dessa virtuosa Senhora, pois era a mesma de poucos recursos pecuniários deve D. Carlos á sua tenacidade e amor ao trabalho o êxito de que viu coroado o seu esforço na primeira e decisiva phase da sua vida.

Entrou de aprendiz — restam-no jornaes de sua terra — na officina de alfaiataria de Francisco Joaquim de Mello, conseguindo com diminuta remuneração do seu trabalho minorar a precária situação em que se achava, auxiliando ainda a manutenção da sua família, composta da já referida tia e uma única irmã de nome Carlota. (1)

(1) (O «Diário do Maranhão», citado nas “Datas Mattogrossenses” de Estevão de Mendonça, V, II, pag. 381).

Desde cedo manifestou-se-lhe o pendor para a carreira que espontaneamente abraçou e conseguindo ser nomeado Capellão da Cathedral maranhense, compartia as suas horas entre os misteres ecclesiásticos, os estudos e os trabalhos de sua profissão.

Graças á sympathia que lhe dispensou desde logo o Bispo Dom Manoel Joaquim da Silveira, logrou ser admittido no Seminário de Sant’Antonio, aonde completou os seus estudos, recebendo das mãos do esmo Prelado as ordens presbyteraes a 30 de Novembro de 1860, tendo celebrado sua primeira missa a 8 de Dezembro do mesmo anno.

As suas virtudes e talentos attrahiram as vistas dos seus superiores hierárchicos e foi designado pó D. Manoel para as elevadas funções de Cônego da Sé maranhense.

Quando aquelle Bispo foi transferido para a Bahia, na qualidade de Arcebispo Primaz, levou consigo o jovem Carlos d’Amour, a quem se affeioára e, ali, novo campo de actividade que se lhe abria, exerceu o moço sacerdote as funções de mestre de cerimônia do Solio primacial, leccionando ainda a cadeira de francez no Seminário archidiocesano.

O sentimento de gratidão que sempre manifestou com a effusiva sinceridade das almas bem formadas, não o deixou mais separar-se do seu grande amigo e bemfeitor, acompanhando-o á Corte imperial, quando foi do casamento das princezas DD. Izabel e Leopoldina e á Corte pontificia, onde D. Manoel fôra tomar parte, em 1870, no concilio do Vaticano.

Gozando pelo prestigio de suas virtudes da confiança e apreço do insigne Prelado, ascendeu ás mais elevadas posições na Archidiocese da Bahia, passando successivamente de Cônego effectivo do Cabido a Monsenhor e, por ultimo, a Vigário Captular e Governador do arcebispado, pela morte de D. Manoel, occorrida a 23 de Junho de 1874.

A administração interina veio confirmar o juízo que do Cônego d’Amour fizeram os seus pares ao elegerem-no, no Cabido de 27 de Junho, para aquellas funções.

Governando a Archidiocese mais importante do Império, cujo Antistite possuía o titulo de Primaz e em cujo solio se perpetuava a tradição gloriosa de um Marquez de Santa Cruz e de um Conde de São Salvador, o vigário captular d’Amour, conforme nol-o diz no seu relatório apresentado ao novo Arcebispo nomeado, procurou “não se afastar da marcha que o venerando Prelado fallecido

DOM CARLOS LUIZ DE AMOUR E ANTONIO MODESTO DE MELLO tão sabiamente havia traçado” e “seguir-lhe em tudo as pisadas”.

Este relatório, de que, lamento não poder transcrever alguns trechos, para não alongar de muito este trabalho, é pela concisão e sensatez que revela, uma obra de grande valia a patentear-nos as suas apreciáveis qualidades de organizador.

O governo imperial, entretentes, a quem não passaram desapercibidos os seus méritos, apresentou o nome do cônego d'Amour para a sede episcopal de Cuyabá, vacante pela morte de D. José Antonio dos Reis, em 11 de Outubro de 1876.

Essa apresentação feita pela regente do throno D. Izabel, em 28 de Dezembro de 1876, foi confirmada pela Santa Sé no consistório de 21 de Setembro do anno immediato e o novo Bispo recebeu das mãos do seu conterrâneo D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, Arcebispo da Bahia, a imposição dos Santos Óleos, no dia 28 de Abril de 1878.

Referindo-se a essa solemnidade lithurgica assim se exprime o «Diário da Bahia», edição de 30 daquelle mez e anno:

“Como estava anunciado, realizou-se Domingo, 28 do corrente mez, na nossa Igreja Cathedral, a cerimônia augusta da sagração do Exmo. Sr. D. Carlos Luiz d'Amour, Bispo eleito da Diocese de Cuyabá, em presença do mais escolhido e numeroso concurso de amigos da Igreja e S. Exc. Rvma.; desde a primeira autoridade da Província até o mais modesto de todos os cidadãos, não houve classe que não se achasse allí representada; a vasta igreja do Collegio achou-se litteralmente cheia, não ficando lugar desoccupado quer no coro, nas tribunas ou nas grandes naves da igreja”.

Depois de relatar a solemnidade da sagração, conclue:

“Congratulamo-nos com S. Exc. D. Carlos Luiz d'Amour pela sua elevação ao Episcopado. Foram os méritos de S. Exc. e o governo interino da Archidocese que lhe granjearam do governo imperial a sua justa apresentação.”

Não menos pródigo em louvores ao novo Prelado, o «Jornal da Bahia» termina nestes termos a noticia da sagração:

“Encerre esta linhas um voto de agradecimento e louvor ao prestimoso e venerando Metropolitano, cujo coração deve ainda transbordar de prazer, pela parte importante que tomou nesta festa, associando-se aos bahianos no testemunho solemne com que mostraram a Monsenhor Carlos d'Amour as impressões que deixaram gravadas nos seus corações os felizes dias do seu governo nesta archidocese».

A nota mais tocante do acto foi a que se observou, finda a cerimônia e a qual se refere a ultima folha citada: o novo Prelado prostrando-se junto á sepultura de D. Manoel, orvalhou-a de sentidas la-

JOSÉ DE MESQUITA

grimas de saudade e gratidão, o que foi acompanhado por todos os presentes.

Em 28 de Fevereiro desse anno, delegára D. Carlos ao Vigário Capitular de Cuiabá, Cônego Manoel Mendes “tendo na devida consideração os seus merecimentos de letras e virtudes” os poderes para tomar posse e reger em seu nome o Bispado, onde somente chegou a 2 de maio do anno seguinte, sendo recebido com extraordinário regozijo popular, de que dão mostras as noticias da imprensa contemporânea.

As dez horas da manhã desse dia o álaque repique dos sino e o troar da artilharia prenunciavam a approximação do “Coxipó” em que viajava o novel Bispo, acompanhado pelo seu secretário P. Felix Ferreira de Carvalho.

Recebeu-o em seus braços a população cuyabana, cuja sollicitude no reconhecer e premiar os méritos só encontra paralelo na presteza e rigor no castigar os abusos.

Três noites a cidade se illuminou festivamente; associaram-se á alegria todas as classes sociaes, das mais altas ás mais humildes; e Cuyabá vibrou na franca expansão ruidosa das festas populares, dignas das que registam as chronicas primevas dos Costas Siqueiras e Barbosas de Sás.

Estava aberta para D. Carlos a nova seara apostólica que o destino lhe reservára e á qual devia virtuoso Antistite consagrar a mor patê de sua vida, vinculando-se a esta terra pelos laços do affecto, que prendem tanto ou mais que os do sangue ou do nascimento.

O Bispo

E começou o santo varão a sua grande obra evangelizadora, essa obra condensada em sessenta e tantas pastoraes, desde a primeira, de saudação aos diocesanos, datada de 28 de Junho de 1878 até a ultima, que, alviçareira, festeja a pacificação politica do Estado e que traz a data de 18 de Janeiro do anno que hoje se finda.

Essa obra grandiosa não está, porem, somente nas pastoraes, escriptas com attica elegância, plasmadas nos cardeaes princípios do Christianismo e reveladoras de erudição acima do commum nas Letras e Escripturas Sagradas —eternas fontes de puros ensinamentos.

Revela-se-lhe o continuado e efficiente trabalho ainda nos sermões, nos discursos, nas portarias, na correspondência, nos escriptos de varia inspiração, subordinada sempre ao ideal que esposára; na organização e firme orientação das sociedades que sob a sua égide se fundaram; nas visitas pastoraes de que se conservam dois

DOM CARLOS LUIZ DE AMOUR E ANTONIO MODESTO DE MELLO preciosos itinerários, attribuidos á penna do seu illustrado secretario Bento Severiano da Luz.

Não menos se lhe deve levar á conta do infatigável zelo episcopal a restauração das igrejas da Diocese, notadamente a da Cathedral dos Passos em 1897, e a de Nossa Senhora do Bom Despacho, em que concentrou os carinhos do seu espírito, na phase crepuscular da sua vida, a qual, se lhe não foi dado, como tanto desejava, inaugurar, teve, entretanto, o prazer de ver levantar a hierática belleza do seu estylo ogival no poético outeiro que coroa, como um estema a princeza dos sertões mattogrossenses.

Outras preocupações lhe dominavam, emtanto o espírito, alem dessas já referidas, sobrelevando ás mais a da fundação de um Seminário e de uma casa de educação para meninas desvalidas. Com o ardor que punha em todas as causas que defendia, auxiliado pela proverbial generosidade mattogrossense, idealizou, emprehendeu e realizou essas obras que se objectivaram no Seminário Diocesano e no Asylo de Santa Rita desta Capital.

E de par com taes melhoramentos materiaes, que o seu espírito progressista introduziu na Diocese, não lhe descurava o zelo espiritual pelos seus diocesanos.

Os seus sermões e pastoraes estão cheios de úteis ensinamentos e piedosas exhortações, tanto quanto de proveitosas lições de moral e civismo, repassadas desse grande sopro do espírito christão da caridade, que se gravou na incisiva legenda que adoptou para as suas armas episcopaes “*Omnia in charitate*”.

Em 1892, despedindo-se dos seus diocesanos por ter de seguir para a Corte, assim se exprimia:

«Durante a nossa ausência, não cessaremos de vos encomendar a Deus, para que persevereis no amor e amizade do mesmo Deus, para que persevereis no amor do próximo, esquecendo as injurias, amando os inimigos, orando pelos que vos perseguem e calumniam, não tendo ódio nem inimizade, como é próprio do Christão, e para que em summa persevereis no recto caminho do dever, e cada vez mais na obediência de nossa carinhosa mãe e Santa Igreja.»

Vem a propósito o seguinte trecho, digno de uma anthologia, no qual definiu o conceito da caridade, em o discurso proferido a 28 de Abril de 1892, ao declarar inaugurado a Asylo de Santa Rita:

«Percorrei os caracteres da verdadeira caridade traçada pela mão do grande apostolo das nações, e vos tereis o typo e modelo de uma Filha de São Vicente de Paulo. A caridade é paciente e benigna; ella não é ambiciosa, não busca seus próprios interesses,

JOSÉ DE MESQUITA

não se irrita, nem suspeita do mal, não folga com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; os obstáculos e resistências, longe de enfraquecerem não servem senão de dar-lhe maior alento e fervor; ella tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Emfim a caridade nunca ha de acabar, porque ella é uma fonte viva que não se exgota, mas que se estende pelo ímpeto de corrente; é uma chamma sempre activa que não se extingue, mas que se multiplica pela sua acção, porque ella vem de Deus».

Não cessa o seu zelo pelo bem espiritual e temporal dos seus diocesanos, em successivas pastoraes que publica, premunindo-os contra os erros, esclarecendo-os na verdadeira doutrina, exhortando-os á pratica do bem, extirpando abusos que encontrou arraigados no próprio clero, ferindo cerce o mal, viesse donde viesse, com, aquelle desassombro intransigente e sereno que o caracterizava.

Profundo psychologo, conhecedor dos homens e das cousas, revela-se-nos o atilado Pastor hábil no distinguir os males da alma e dos modos diversos que a hygiene psychica recommenda aos doentes do espírito.

«As differentes disposições dos enfermos espirituaes — diz-nol-o na sua primeira Pastoral, evocando conceitos de São Gregório Nazianzeno, — requerem uma infinidade de remédios diversos: uns corrigem-se pela palavra, outros pelo exemplo; é necessário excitar a uns, e deter a outros; alguns ha a quem é preciso fazer exhortações, e outros para quem são ellas pedidas e com os quaes é forçoso empregar as reprehensões: uns devem ser punidos pelas faltas mais pequenas, outros devem ser tratados com doçura; é necessário levar a uns pelo temor do juízo de Deus, a outros pela esperança da sua misericórdia. Em uma palavra, é necessário usar sempre de muita moderação e evitar todo o excesso».

O viver de asceta que voluntariamente se impoz não o impediu, todavia, da privança das conspícuas personalidades que passaram pelas elevadas posições de Paiz e do Estado, grangeando, entre a flor da intellectualidade patricia, um justo renome que o fazia acatado nos maiores centros.

As honras e dignidades o procuraram no recato em que vivia e vemol-o, successivamente, na hierarchia ecclesiástica, camarista de Pio IX, em 1870, seu Prelado domestico, em 1871, Assistente ao Solio Pontifício e Conde romano, em 1890, quando fez a sua viagem *ad limina*; na hierarchia civil, Commendador da ordem de Christo e Conselheiro do Imperador.

Na aristocracia das idéas não menos brilhantes avultam as suas credenciaes de sócio honorário do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro e do Instituto Histórico de Matto-Grosso, em 1892 e 1919 respectivamente.

A esses títulos com que a justiça dos coetaneos lhe reconheceu o merecimento sobreexcedem outros que se não reduzem ao ephemero dos diplomas, títulos que o são de um mais alto valor da nobreza d'alma ennastrada de peregrinas qualidades, entre as quaes, á mingua de espaço e tempo, salientarei a sua modéstia que o fazia nullificar-se diante da grandeza do cargo, referindo-se sempre á sua «indignidade e falta de méritos» que o tornavam «um fraco instrumento nas mãos da Providencia»; o seu vivo sentimento de gratidão para com os seus bemfeitores, entre os quaes occupavam a primeira plana o Conde de São Salvador e a Princesa Izabel; o amor entranhado aos seus, principalmente á sua querida irmã, de quem jamais se olvidou, como se verifica das carinhosas expressões do seu testamento; a sua energia persistente e tenaz, no profligar erros e impor-hes o correctivo merecido; todo esse conjuncto, emfim, de predicados, levados, por vezes, ao exaggero, no rigor de convicto, creando-lhe, a um só tempo, admiradores fanáticos e adversários implacáveis.

Hoje, porem, que seu nome passou do turbilhão da vida para a serenidade Olympia da Historia, todos — amigos ou adversários — recompõem-lhe a fibratura rija do character, na coherencia immalleavel de um temperamento que fazia da força do exemplo a melhor escola da moral, levando-o a dizer aos seus Parochos: «as impressões puras da virtude que ferem constantemente as vistas não podem deixar de chegar ao coração».

O Arcebispo

Tal a sua dedicação ao *munus* apostólico, a ordem que conseguiu implantar na sua Diocese, a verdadeira Renascença que foi o seu Episcopado, que a Santa Sé, galardoando-lhe os esforços, houve por bem elevar a Diocese de Cuyabá á cathegoria de Archidiocese e conferir-lhe a dignidade de seu primeiro Metropolitano.

Os seus méritos que a modéstia apenas conseguia realçar, tal como a sombra aviva as cores nos efeitos picturaes, já haviam sido proclamados por dois Pontífices, Pio IX e Leão XIII, e a um terceiro, Pio X, coube, pelas Letras apostólicas de 5 de Abril de 1910, investil-o das honras archiepiscopaes.

O ultimo decennio de sua vida não foi menos operoso que os anteriores, pois, nos espíritos de eleição, as honras, longe de empannarem a actividade e conduzirem ao *otium cum dignitate*, constituem-se antes estímulo a novas fontes de energia.

É o que fazia dizer a Gabriel Hanotaux: «Il n'y a qu'un honneur, c'est lê travail; il n'y a qu'une noblesse, c'est lê travail; il n'y a qu'un repôs, c'est lê travail.»

Elle trabalhou até o fim. As suas energias já bruxoleavam, nesse lento apagar de lâmpada cujo óleo se consumira, e elle trabalhava ainda. O Bom Despacho foi seu ultimo sonho de Bispo e de artista, sonho maravilhoso de belleza christã que, ao erigir os templos, crêa a Arte mystica que eleva as almas ao Azul, no lançamento dos arcobotantes e vitraes das ogivas ás settas esguias e ás cruces que encimam os corucheus solitários.

E desse sonho veio despertal-o a morte, arrebatando-o ao carinho de seus amigos na manhã de 9 de Julho do anno que se finda.

O seu patriotismo: caracteres que o definiam

Si taes e tão formosos attributos lhe exornavam o espírito de escol, no concernente á nítida comprehensão e fiel desempenho dos deveres do seu ministério, menores por sem duvida, não foram os seus predicados de patriota convicto, de cujos nobres sentimentos deu exuberantes provas na sua longa e profícua existência.

O seu patriotismo não era desses que impressionam pelo altisonante effeito com que se alardeam nas columnas da imprensa de occasião ou nos aranzéis dos comícios, patriotismo á moderna, que agrada os tempos que correm, affeitos aos snobismos e glorias passageiras.

Elle era, ao envez, a negação desse patriotismo vazio que faz da Pátria o *leit-motiv* de estéreis digressões, estribilho banal dos dythirambos com que cortejam o Poder: era patriota á antiga, mas, com isso mesmo, patriota de verdade, do tempo em que ser patriota queria dizer amar a Pátria e servil-a com a máxima potencialidade dos seus affectos e das suas energias.

Foi patriota de acção, não de ideação, e nisto, como em muitos traços outros da sua extranha *psychê*, do seu *eu* invulgar, se affirma em linhas características, a sua superioridade de varão dessa rara linhagem em que os pergaminhos são representados pelas mais bellas virtudes cívicas e moraes.

Do seu amor pátrio deixou-nos irrefragáveis documentos através de sua obra escripta, numerosa e variada, e, de sobreexcellente, na sua obra de mor valia, não escripta mas vivida, que é a sua existência impolluta, cheia de exemplos de altruísmo e efeitos varonis e nobilitantes.

No seu fecundo governo ecclesiástico não se lhe poderá jamais increpar de indifferente aos problemas sociaes e políticos que agitaram o paiz no transcórre dos últimos cinqüenta annos.

Campanha abolicionista

O maior acontecimento social dessa phase de nossa historia, o “período mais intenso de nossa vida politica” no dizer de Coelho Netto, foi inquestionavelmente o da campanha abolicionista.

Ella se reveste da grandiosidade de um prélio titânico empenhado em nome da civilização e da humanidade, a principio por meia dúzia de ideólogos e visionários e ao depois por toda a nação, no que ella possuía de mais representativo, unânime no assentar as baterias contra a bastilha negra, que ruiu, afinal a treze de Maio de 1888, pelo luminoso decreto de Izabel a Redemptora.

Um rápido olhar retrospectivo através desse período relativamente próximo de nossa historia mostrar-nos-á o ardor e entusiasmo que no seio da população mattogrossense, sempre generosa e atreita aos impulsos do Bem, provocára o memorável litígio que fazia, lá fora, terçarem as armas da penna e da palavra as figuras homéricas dos Rio Brancos, Nabucos e Patrocínios.

O simples manuseio de nossas chronicas de antanho evidenciará o que foi o abolicionismo entre nós, inflammando os ânimos no santo amor da liberdade que tem em cada peito mattogrossense a ara votiva de um culto constante.

Data de 1862 a organização da “Sociedade Emancipadora Mattogrossense” fundada no governo de Cardozo Junior e, na ordem chronologica, a primeira que se creou na Província; e foi logo um crescendo de nobre paixão libertadora que, com pouco avassallava classes inteiras, qual a dos advogados, que em 1880, se colligavam no nobre intuito de não receberem a defesa de acusas contra os escravos.

Era o espírito de philantropia que tanto honra a nossa gente que assim reparava a grave injustiça das leis que collocavam os escravos fora da humanidade, do mesmo ponto que a Lei Áurea com ser a postergação do direito de propriedade garantido pelo Estado, foi todavia, o reconhecimento de um direito superior a todos os códigos — o direito immanente e supremo da liberdade de que se via privado mais de um milhão de homens, cifra essa constituída em grande parte de patrícios nossos.

Dahi por diante proliferaram os institutos abolicionistas: é a “Sociedade Abolicionista Mattogrossense”, fundada em 1884; é a “Sociedade Galdino Pimentel”, creada em 1886; e são outras dispersas pela Província, que fôra longo e fastidiosa ennumerar.

Qual a attitude do Bispo de Cuyabá ante a cruzada libertadora que empolgava as atenções do paiz ?

Responda por mim a sua Pastoral de 8 de Dezembro de 1887, synthese brilhante dos ideaes humanitários da época, da qual trans-

creverei alguns tópicos que illustravam ao vivo os seus elevados sentimentos no tocante ao magno problema social em debate.

«Cabe-nos agora também o dever, amados e caros Filhos, — diz o eminente Prelado — de vos dirigir algumas palavras sobre a grande obra da redempção dos captivos, que presentemente occupa a atenção de todos os brasileiros, e para cuja realização todos nós devemos concorrer.

Sim, Irmãos e filhos meus, a escravidão deve desaparecer do solo brasileiro. Antes de ser condemnada pela historia, pela legislação e pela civilização dos povos, ella já o tinha sido pela moral evangélica.

Se recorrermos á historia veremos quanto a religião tem influído no progresso da civilização, e o muito que tem feito a Igreja em prol da emancipação dos escravos, dessa idéa pura e nobre que raiou da luz evangélica, que regenerou o mundo depois de regenerar o homem e nunca foi entendida nos séculos do paganismo».

Mais adiante, continuando na mesma ordem de considerações: «Muito já se tem feito nesta Província, nós o reconhecemos, no sentido de auxiliar-se a emancipação dos escravos, não somente pelo mesmo fundo de emancipação e associações particulares, senão também pela espontânea generosidade de muitos corações humanitários que, ao mesmo tempo que reconhecem a sublimidade da idéa, veem nella um grande motor de prosperidade e engrandecimento para o paiz.

Mas não basta isso, Irmãos e Filhos meus queridos, é necessário reduplicar de esforços de modo que estendendo-se cada vez mais entre nós tão benéfica propaganda, possamos brevemente, cheios de jubilo, festejar a completa abolição do elemento servil nesta Província».

A esse notável documento, que se encerrava com o offercimento da quinta parte dos rédditos da Mitra e da Caixa Pia para a libertação dos escravos, é mister acrescentar outro não menos notável, tal seja o Pastoral de 6 de junho de 1888, mandando ler á estação da missa a lei n. 3353 de 13 de Maio desse anno e recommendando aos seus diocesanos os cuidados e protecção a serem dispensados aos favorecidos por essa lei (2)

As palavras acima transcritas constituem uma profissão de fé abolicionista e vallem por um eloqüente testemunho da cultura e largueza desse espírito formado á luz crystalina das licções evangélicas.

A sympathia do clero nacional pela abolição não representa, alias, um postulado novo para os conhecedores de nossa historia,

(2) (Diccionario bibliographico brasileiro de Sacramento Blake, VII, pag. 83).

DOM CARLOS LUIZ DE AMOUR E ANTONIO MODESTO DE MELLO na qual se encontram sempre os ministros catholicos ao lado das grandes causas que tem agitado a opinião.

Foi o P. Antonio Vieira um dos prógonos do abolicionismo quando, ainda na phase colonial verberou do púlpito o captiveiro infamante e desde o alvorecer de nossa vida histórica vemos as roupetas e samarras hombreado com as fardas, as togas e as vestes dos campônios nas grandes reivindicações populares, culminando na Independência e na Abolição — as duas epopéas nacionaes, da liberdade política e da igualdade civil.

A acção conciliadora

Onde porem, mais se affirmou, num flagrante expressivo, o seu patriotismo, foi na grande obra de concórdia que empreendeu no intuito de levar á razão os grupos em que por mais de uma vez se tem extremado o nosso povo, no estéril dissídio que das competições partidárias leva aos horrores da lucta fratricida. Eloqüente documento comprobatório do desvelo com que nunca cessou de “evangelizar a paz”, procurando “conciliar os ânimos e persuadir a união e concórdia”, temol-o na sua Carta Pastoral de 5 de Abril de 1892, publicada nas vésperas da primeira revolução.

O Estado mal entrára a desfructar os benefícios do novo regimen. A democracia ensaiava, entre nós, os seus primeiros passos e já o partidarismo ferrenho fazia ouvir, num prelúdio sinistro, os rumores macabros do motim, os surdos preparativos bellicos da lucta que se esboçava.

Em vez de se aparelharem para a pugna pacifica no terreno das idéas, para a conquista das posições pela força numérica do voto, eis que se lhes depara mais fácil entreter a lucta pessoal, escalando o poder a custa do sangue e da vida preciosa dos seus irmãos.

Deixae que vol-o descreva a sua alma agoniada de Bispo esse espectáculo terrível, digno das descrições dantescas da Itália medieval.

— «Mas ai ! aqui o vemos nós ? Um muro quasi immenso separando e dividindo os habitantes de um immenso Estado, que costumamos admirar reunidos sob o bello titulo de irmãos; filhos ternos, esposas carinhosas, mães pobres, velhas e viúvas, todos consternados pela apreensão do funesto rompimento que dizem estar imminente!»

E não se limitou a dar os edificantes conselhos a que as paixões do momento se fizeram surdas.

Fez mais: diante do abysmo a que éramos arrastados, abriu as listas dos responsáveis, procurando-os pessoalmente ou escrevendo-

JOSÉ DE MESQUITA

lhes, mais ás ouças que não ouviam corresponderam, como é natural, os olhos que não queriam ver.

O movimento precipitou-se e, durante alguns dias, Cuiabá assistiu, transida de pavor, o doloroso espectáculo da fuzilaria a dizimar, nas suas caudaes de fogo, filhos da mesma terra, irmãos pela raça e pelo nascimento.

Não lhe esmoreceu o ardor nem se lhe entibiou o zelo: sahiu o Bispo com o seu secretário, no intervallo de cerrado tiroteio, e foi em pessoa offerecer a um dos chefes militares “os bons officios de uma pacifica intervenção afim de que se dê por terminado o terrível bombardeio que pesa sobre esta capital e a tem tanto desolado”.

Tudo, porem, se baldára diante da irreductivel pertinácia manifestada pelos contentores, e a lucta prosseguiu, cruenta e trágica, abrindo da nossa historia o negro capitulo das perturbações intestinas.

Mas o esforço de D. Carlos, a nobreza dos seus sentimentos, a pureza evangélica com que, alheio aos interesses em jogo, se empenhára no seu propósito pacificador, isso ficará constituído num dos mais bellos florões do seu episcopado.

Correspondia assim o virtuoso Prelado á tradição honrosa dos seus antecessores D. Luiz vulto proeminente nos acontecimentos de 1820, em que agiu como *magna pars* e D. José, cuja figura, lendária nos apparece, alçando o Crucifixo, entre os negrumes fataes da noite de 30 de Maio de 1834.

Constitue-se assim uma tradição a acção conciliadora do nosso Episcopado e vem de molde lembrar a circumstancia de haver sido a sua ultima Pastoral, o seu canto de cysne, dedicada á fusão dos partidos políticos, operada providencialmente no governo de um seu irmão no episcopado, participe dos seus sentimentos de cordura e de paz.

Encerrou assim sua carreira luminosa, o seu transcrito por esta vida em que se pode dizer passou fazendo o bem — *pertransivit benefaciendo* e numa coherencia admirável, encerrou-a com este attestado de patriotismo e elevado espírito christão que é a referida Pastoral de 18 de Janeiro do anno expirante.

Da sua vida, como da de D. Viçoso, disse o douto Arcebispo de Mariana, D. Silvério, podemos sem receio asseverar — «com o ser cheia de feitos de subido merecimento, não dará no gotto de certos leitores, que mais buscarão regalar a animação com espectáculos curiosos, ainda que falsos, do que nutrir o entendimento e o coração com a narração de virtudes simples e communs, as quaes, se não tem o brilho do relâmpago, tem os encantos e suavidade da luz da aurora, e os doces attractivos da verdura dos campos».

Modesto de Mello

Antonio Modesto de Mello foi escolhido por aclamação sócio fundador do Instituto Histórico de Matto-Grosso, em sessão de 1º de Janeiro de 1919, tendo para isso em alta conta os sócios fundadores os seus serviços á nossa Historia e ás letras patricias, das quaes se fizera credor de larga benemerências.

Modesto foi uma dessas organizações privilegiadas de obreiro incansável, labutando na obscuridade do seu humilde recanto, sem alarde nem amparo, no continuado afan de uma operosidade sem limites.

Cercam-lhe o berço circumstancias de discreto mysterio, pertencendo ao numero daquelles aos quaes, sobre não conhecerem os carinhos paternos, nem ao menos a aconchego do berço fora permittido.

A memória de seus contemporâneos guarda, todavia, data em que elle apparecera na “Roda da Santa Casa da Misericórdia — 13 de Junho de 1854, provindo-lhe dahi o nome de Antonio, Santo cuja festa, tão popular entre nós, se commemora nesse dia.

Do seu segundo nome — Modesto — tão de accordo com o seu feito e vida, elle mesmo era de opinião, diz-nol-o a penna amiga que lhe traçou o necrológio no “O Matto-Grosso” de 13 de Novembro findo, que provavelmente alludia á origem do seu nascimento.

Encontrou, entretanto, na enfermeira Maria José, encarregada dos expostos, esse generoso affecto tão próprio das almas femininas, em cujo predestino parece haver a Providencia posto, indistinctamente, o sello augusto e sublime da maternidade.

Extranho paralelo, coincidência curiosa, dessas que o acaso, na sua lógica imponderável, nos proporciona: os dois homenageados de hoje, com serem ambos de nascimento humilde e se terem feito á custa do próprio esforço, tiveram, na lucta pela vida, a mesma profissão nos primeiros annos.

Como D. Carlos, cuja biographia vos tracei, Modesto de Mello, na contingência de prover a sua subsistência e a dos seus, dedicou-se á profissão de alfaiate, na qual se tornou perito sendo por muito tempo a sua officina preferida pelos “árbitros das elegâncias” da terra, que o procuravam como um Brummell indígena, artista do corte esmerado, mestre incontestável da tesoura e agulha.

O seu espírito, porem, dotado de lúcida intelligência e natural predilecção pelas letras, não se esterilizou no ganhapão quotidiano e ao tempo em que se aperfeiçoava na profissão, fazia também seus estudos primários, como menor do extincto Arsenal de guerra.

Os trabalhos profissionaes com pouco lhe bastavam á mantença da família e, consoante índole arraigada em nossos costumes, procurou o seio calmo da burocracia, que lhe dando maiores proventos, lhe permittia folgas utilizadas para aperfeiçoar os seus conhecimentos, na anciã do saber que domina os espíritos como o seu.

Fez-se porteiro da Secretaria do Governo, exercendo por mais de cinco lustros esse cargo, passando ultimamente a chefe da secção de estatística do Thesouro do Estado, no qual se aposentou, vindo a servir ainda, ao tempo em que falleceu, o lugar de collaborador da Secretaria do Tribunal da Relação.

É de notoriedade publica e excuso-me a este respeito de maiores digressões, o factô de Modesto de Mello, como profundo conhecedor de nossas cousas, haver sido excellente e discreto collaborador de varias administrações estaduaes.

Alem desse meritório esforço, em que se lhe avantajam as qualidades de homem de acção, útil á sociedade em que conviveu, foi modesto um infatigável cultor das letras, tendo a sua principal, senão única arena, no vasto campo do jornalismo.

Quem compulsar as colleções dos nossos jornaes antigos — infelizmente poucas e desfalcadas, pois nisto, como em muitos outros pontos, demonstramos muito desamor ao nosso patrimônio intellectual, encontrará, muitas vezes sem assignatura, e outras sob o pseudomino das suas iniciaes, escriptos vasados em escorreita forma e cheios de elevada inspiração, sempre norteadas para os estudos históricos ou de interesse geral.

«O Matto-Grosso» — decano de nossa imprensa, o “Clarim”, o “O Republicano” que aqui se edictou entre 1896 e 1898, reunindo uma plêiade de bellos talentos, o “Pharol”, porta voz de uma geração não menos brilhante, alem de outros periódicos de ephemera publicação, tiveram-no como assíduo collaborador.

Escreveu ainda em varias polyanthéas e ajudou a fundar uma das mais beneméritas sociedades que entre nós se tem creado — a “Associação Litteraria Cuyabana”, instalada em 21 de Outubro de 1884 e de cuja primeira directoria fez parte na qualidade de segundo secretário.

Attributos outros lhe esmaltavam o espírito de que os seus íntimos referem curiosos traços moraes: não me é licito, porem, trazel-os a lume neste trabalho que é puramente histórico e que se acha sufficientemente illustrado com o que vai dito.

Enquadrar-lhe a personalidade nos estreitos caixilios da moldura familiar não é tarefa para quem lhe vem apenas lembrar a benemerência pública e os serviços á sociedade — as suas bondades pri-

DOM CARLOS LUIZ DE AMOUR E ANTONIO MODESTO DE MELLO
vadas, essas viverão na tradição oral de seus amigos, na lembrança
carinhosa dos que o conheceram.

Modesto falleceu aos 57 annos de idade: da sua obra escripta
bem pouco se pode dizer, pois ficou a mesma esparsa pela imprensa,
transitória como as folhas das gazetas.

Não tinha o amor da colleção, o methodo que a burocracia
imprime aos seus.

Procurei co os seus parentes trabalhos seus impressos ou
manuscritos — não os deixou, não os archivava.

O pouco que delle se conhece anda por ahi na imprensa, ou nas
referencias oraes. E isso mesmo se perderá em breve, se mãos
carinhosas não o recolherem e colligirem.

Conclusão

Taes, em linhas inexpressivas, os traços característicos da
organização moral desses dois companheiros de lucta que tombaram na
derradeira jornada.

Delles muito se pode e se ha de dizer ainda, porquanto o que
andei respingando na vasta messe por elles deixada, bem mínima parte
representa do que semearam e, á guiza da Ruth bíblica, apanhei apenas
o sobejo da opulenta colheita.

Que esta minha contribuição haja a simples valia dos roteiros
primitivos no traçar o caminho das minas deslumbrantes: outros, mais
afortunados ou com melhores dotes, irão ao veio riquíssimo, ao filão
d'ouro que, por meu mal e vosso, me não foi dado descobrir.

Argonautas do ideal, bandeirantes da historia — a vós, meus
illustrados confrades, cabe maior tarefa do que a minha: reconstruir,
através destes roteiros incompletos, a estrada que, entre a *selva
selvaggia* das controvérsias e incertezas, ruma aos caminhos obscuros
do passado.